

A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA O LICENCIANDO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

LUANA RAYANNY GOMES DE OLIVEIRA

Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte; Mestranda do Programa de Pós Graduação em Ensino – UERN/UFERSA/IFRN, luanarayanny@outlook.com

LUCIANA MEDEIROS BERTINI

Dra. em Química pela UFC. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO) – UERN/IFRN/UFERSA, Mossoró-RN e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Campus Apodi, luciana.bertini@ifrn.edu.br

RESUMO

O Estágio Supervisionado em Ciências Naturais é um componente curricular ofertado no 5º período do curso de Ciências Biológicas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Ressaltado a sua importância na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica, o estágio é um momento aguardado com muita expectativa e ansiedade, pois configura-se no primeiro contato do licenciando com o seu futuro ambiente de trabalho, a escola. Levando em consideração a importância do estágio para a formação do licenciando e para a qualidade do ensino da escola pública, esse artigo tem como objetivo relatar as atividades desenvolvidas durante o Estágio Supervisionado em Ciências Naturais I. O estágio procedeu-se em duas etapas: a primeira parte foi a fase de observação referente a estrutura física da escola, bem como das aulas de ciências na turma do 6º ano do ensino fundamental. A segunda etapa, consistiu na regência em sala de aula, que ocorreu na respectiva turma e a realização de uma oficina pedagógica. Diante da experiência no estágio supervisionado, observou-se que o ensino de ciências ainda é muito tradicional com a explanação de conteúdos na lousa, direcionadas pelo uso do livro didático, principal ferramenta utilizada pelo professor. Além disso, foi notório que existem inúmeros desafios no fazer docente, como a indisciplina dos alunos, o desinteresse pelos conteúdos e muitas vezes a falta de preparo do professor diante de certas situações. Entretanto, é possível a utilização de metodologias que se apresentam eficazes no que tange ao ensino de ciências.

Palavras-chave: Estágio, Ciências, Professor.

INTRODUÇÃO

O estágio curricular supervisionado é o primeiro contato do aluno com o seu futuro ambiente de trabalho. Essa atividade foi instituída a partir da Lei Nº 12.014, de 6 de Agosto de 2009, que alterou o artigo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, discriminando as categorias de trabalhadores que se deviam considerar profissionais da educação, ao qual destacou a importância dos estágios supervisionados como ambientes para associação entre teorias e práticas. Hoje em dia, o estágio curricular supervisionado é um componente presente na grade curricular de todos os cursos de graduação.

O estágio configura-se como elo entre a Universidade e a Escola Pública. Essa etapa dos cursos de graduação, o estágio configura-se no momento no qual o licenciando irá colocar em prática o que aprendeu na graduação, sendo que deve ser realizado com muito comprometimento e responsabilidade, afinal, ao ingressar em um curso de graduação, o estudante tinha como objetivo seguir uma carreira profissional e sucesso no mercado de trabalho. Assim, o estágio apresenta-se como campo para que este licenciando desenvolva suas habilidades cognitivas nessa etapa (SCALABRIN; MOLINARI, 2013.). Nesse sentido, Nunes (2006) enfatiza a importância do aluno repensar sua visão para com o estágio, não como um momento de apenas como um momento de colocar a teoria em prática, mas como um momento reflexivo de sua realidade.

Muitas escolas carecem de projetos que dinamizem o ensino, e o estágio apresenta-se como uma oportunidade para a execução de atividades desenvolvidas no meio acadêmico. No entanto, Pimenta e Garrido (2006) afirmam que muitos estagiários se direcionam a escola com o pensamento de que o ensino é tradicional e autoritário. Conseqüentemente, isso gerou o distanciamento entre a universidade e a escola, pois muitas instituições passaram a se recusar a receber estagiários.

Nos dias atuais, a formação docente tem sido tema para inúmeros debates. A carência de uma formação completa ainda é uma lacuna existente nos cursos de graduação. Além disso existe a dicotomia presente no que diz respeito a relação entre teoria e prática. Nesse sentido, o estágio apresenta-se como oportunidade para articulação entre o conhecimento adquirido na graduação e sua realidade em sala de aula. Silva e Schnetzler (2011) afirmam que o estágio também proporciona um processo de reflexão, pois a

partir da prática, o aluno pode ser direcionado para novas bases e novos desafios tão importantes para o processo formativo. Nesse sentido, Maciel e colaboradores destacam:

“compreendemos a formação de professores como processo de desenvolvimento profissional com respaldo teórico e reflexão crítica sobre sua prática, analisando determinantes sociais e históricos de sua atuação e de sua profissão e reconhecendo a dimensão social, política e transformadora de sua ação” (MACIEL et al, 2020 p. 2227)

Sobre essa dicotomia existente entre teoria e prática, Pimenta e Garrido (2006), trazem pormenores que contribuem para esse cenário como a fragmentação de disciplinas, isoladas entre si que não apresentam nenhum nexos com a realidade que deu origem. As autoras destacam ainda a desvalorização presente nos cursos de formação realizadas pelas secretarias de educação e nas universidades tornando o estágio quase que “à distância”, ao diminuírem a sua carga horária.

Referindo a importância da relação teoria e prática, Fortuna (2015), defende um diálogo permanente entre essas duas faces, visto que a educação não pode ser apenas verbalista, mas sim reflexiva e direcionada a ação. Assim, Medeiros e Cabral (2006), destacam a urgência e necessidade de se trabalhar a autonomia na formação do professor. As autoras afirmam que o professor é o produtor do seu próprio conhecimento e que o mesmo também se apresenta como transformador do conhecimento, quando demonstra uma atividade reflexiva e investigativa no seu campo de trabalho.

Em relação ao estágio supervisionado, observa-se que este é aguardado com muita ansiedade e expectativa. Muitos alunos conduzem o estágio com maestria, enquanto outros ainda enfrentam o receio e o medo de enfrentarem uma turma. Antes de ingressar na sala de aula, o próprio aluno já idealiza os comportamentos dos alunos, as angústias e aflições, bem como os enfrentamentos que se apresentarão no estágio (MARTINI; SOUZA; SILVA, 2013). Existem muitos fatores que contribuem para isso, como a ausência de ensinamentos pedagógicos nos cursos de graduação, em especial na área das exatas, no qual nota-se a importância demasiada aos conhecimentos científicos da área, sendo que para a formação do professor, é necessário conhecimento científico e pedagógico (ULIANA, 2009). Ludke (2009), destaca essa hierarquia existente na academia, no qual a pesquisa científica se mostra mais prioritária, em relação a pesquisa ao ensino, no qual a formação de

professores não é valorizada, o que contribui para uma difícil aproximação entre a universidade e a escola pública.

O ensino das ciências exatas não apresenta lacunas apenas no ensino superior, mas essas “falhas” se estendem até o ensino da escola pública. O que se observa é uma mera transmissão de conceitos e termos científicos, sem nenhuma aplicabilidade para o cotidiano do aluno. Pode-se afirmar que se trata de um reflexo da formação desses profissionais, aos quais foram direcionados ao ensino tradicional quando estes eram graduandos. Dessa forma, se faz necessário a necessidade de mudanças, as vezes bruscas, na atuação do professor na área das ciências, nos diversos níveis de ensino (DELIZOICOV; ANGOTTI; PERNAMBUCO, 2011). No entanto, devemos considerar também que a desvalorização do professor no Brasil: as exigências propostas pelo sistema, salários baixos, sobrecarga na jornada de trabalho, escolas sem estrutura adequada são fatores que contribuem significativamente para a qualidade do ensino.

Diante do cenário atual, é importante que os futuros professores possam desenvolver competências e habilidades que possam contribuir para um ensino significativo, em diferentes situações na área de ensino. Em um meio de constantes transformações, o professor exerce um papel importante no futuro dos jovens, se fazendo necessário compreender quais são os desafios que serão enfrentados na sua profissão, refletir nas propostas pedagógicas necessárias na formação do indivíduo. Além da formação do licenciando, o estágio pode também ajudar o professor da escola pública repensar sobre suas práticas e pedagógicas como educador.

Levando em consideração a importância do estágio para a formação do licenciando e para a qualidade do ensino da escola pública, esse artigo tem como objetivo relatar as atividades desenvolvidas durante o Estágio Supervisionado em Ciências Naturais I, do curso de Ciências Biológicas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

METODOLOGIA

O estágio supervisionado em Ciências Naturais do curso de Ciências Biológicas, corresponde ao ensino de ciências no Ensino Fundamental (séries finais) e é dividido em Estágio Supervisionado I e Estágio Supervisionado II. O início da formação para campo de Estágio Supervisionado começou em 2014, com as professoras Anairam e Andressa, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte que oferece esse componente curricular no 5º período.

No início do estágio, foram repassadas orientações de atitudes a serem tomadas e o que deveria ser evitado. Com o decorrer do estágio, as aulas tornaram-se riquíssimas, através dos relatos dos licenciandos, sobre situações vivenciadas nos estágios, os pontos positivos e também dificuldades que geravam um sentimento de angústia nos alunos. Além disso, as docentes da disciplina de estágio realizavam discussões a partir da vivência dos licenciandos, disponibilizando referencial para leitura e reflexão acerca do processo de formação do aluno.

Estágio Supervisionado I

O estágio supervisionado I é o primeiro contato do licenciando com o seu campo de atuação. Nessa primeira etapa, ocorreu o desenvolvimento de três pontos fundamentais: o diagnóstico estrutural da escola, contendo dados de identificação, administrativos, forma estrutural do ensino, sistemática pedagógica, infraestrutura, manutenção, situação dos materiais da escola e atividades curriculares e extracurriculares; o ato de observação da sala de aula, também é outro ponto fundamental, estes aspectos contêm relatos do ponto de vista pessoal, com relação às aulas, como materiais e metodologia utilizados na sala de aula e também comportamento do professor e alunos; e por fim, o diagnóstico do aluno que apresentava aspectos da vida pessoal e escolar do mesmo.

Estágio Supervisionado II

Essa segunda etapa do estágio supervisionado caracterizou-se pela regência em sala de aula. Assim como no estágio supervisionado I, na academia, houve a discussão de textos basilares para o processo de formação, com enfoque no fazer docente. Além disso, foi aplicado direcionado ao professor titular de ciências. A regência ocorreu na Escola Municipal Senador Dinarte Mariz, localizada na zona urbana na cidade de Mossoró. É uma escola de porte pequeno, e que tem em seu público crianças que moram em uma região de periferia da cidade. Embora seja pequena, é uma escola bastante organizada. Existiam diversas atividades formais voltadas para o incentivo da Cultura, Ciências e Artes, como mais educação, aulas e grupos de dança, futsal, futebol, karatê, clube de xadrez, clube de informática, feira de ciências, jornal informativo, grupo de teatro, olimpíadas, maratonas, gincanas e aulas de campo.

O grupo de estagiários era composto por cinco licenciandos, que foram divididos em turmas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. No final da regência foi realizada uma oficina pedagógica para todos os alunos da escola.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira etapa do estágio supervisionado em ciências consistia na observação. A observação não consiste em apenas observar uma estrutura física de um espaço escolar, mas envolve compreender como se dá a formação do conhecimento naquele ambiente, quais os fatores que interferem positivamente ou negativamente no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, bem como compreender como se dá a relação professor-aluno, o que por ventura, direciona o estagiário sobre as metodologias que devem ser utilizadas ao lecionar na sala de aula. Mesquita e Araújo (2019) destacam a importância do estágio de observação ao afirmar:

O estágio faz com que o aluno se depare com a realidade escolar, e crie maneiras de contornar os eventuais problemas que vão surgindo no cotidiano da escola. É através dessa experiência que podemos ter um maior entendimento sobre a docência, conhecer as responsabilidades que esta profissão exige, aprender a desenvolver as situações inusitadas que aparecerem, divergir a teoria da prática e compreender as relações entre ambas e assim entender de fato o que é a prática docente e a importância do estágio para o início da carreira profissional (MESQUITA; ARAÚJO, 2019, p. 3)

Em um momento do estágio de observação, houve um momento de grande tensão, pois a diretora da unidade escolar convocou os estagiários a irem à sala da direção. No ambiente, a gestora expressou uma preocupação no que tange a participação de acadêmicos. Ela afirmou que se questionava sobre o objetivo do estágio, pois anualmente recebia estagiários com os mesmos questionários, para levantamento de dados e que ao terminar o estágio, não percebia nenhum retorno da universidade para a escola pública. De fato, é necessário a realização de atividades provindas de cursos de licenciatura nas escolas públicas, mas a realização do Estágio de observação é também uma etapa importante do estágio. Sobre os instrumentos utilizados no estágio de observação, Rosa e colaboradores afirmam:

A narrativa, o diário de campo, a entrevista e o questionário mostraram ser instrumentos de investigação extremamente relevantes, pois através de todo o processo de leitura, análise dos resultados e das experiências vividas ao longo do estágio de observação e regência desses acadêmicos, pôde-se resgatar e compreender as vivências, as expectativas, as emoções e as percepções destes frente à realidade de uma sala de aula, além de se conseguir estabelecer relações entre o conteúdo das narrativas e dos diários. (Rosa et al, 2012 pág. 680)

Em relação ao que foi ressaltado pela gestora da escola, reafirma-se a importância de se direcionar pesquisas realizadas na universidade para a escola pública e não apenas realizar levantamento de dados a serem abordados em um gráfico durante um relatório final. No entanto, observamos que as relações Escola x Universidade avançaram bastante com o surgimento do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e o da Residência Pedagógica (RP) ao quais são desenvolvidas atividades variadas que auxiliam no ensino – aprendizagem dos alunos da escola pública.

O contato com o professor titular da disciplina de ciência foi de bastante cordialidade, sempre disponível e solícito aos questionamentos dos estagiários. Com bastante tempo como professor, o mesmo sempre deixou os estagiários a vontade, disponibilizando documentos e livros, além de esclarecer qualquer dúvida que os estagiários tivessem sobre sua respectiva turma. Assim como a universidade tem um importante papel na formação do futuro professor, a escola também tem um papel importante mediante o acompanhamento do professor titular. Dessa forma, existe uma troca de experiências, com base na cultura de cada indivíduo. Afinal, o professor titular é um profissional já passou da formação inicial e carrega consigo a experiência da docência na sala de aula (BENITES, 2012)

Em relação a observação em sala de aula (turma do 6^o ano ao qual realizei o estágio de regência), foi possível notar que em todas as aulas de ciências, o professor usou como material didático o pincel e o quadro, para copiar o assunto e a atividade, tendo em vista que utilizava o livro apenas para retirar do mesmo alguns conceitos e exercícios. Na aula presenciada houve a utilização da explicação do conteúdo de forma oral, mas não foi utilizado qualquer outro método como: mapa conceitual, modelos didáticos ou até mesmo jogos e atividades em grupo. Não é fácil para um professor da área das exatas, e nesse caso, professor de ciências ministrar aulas lúdicas e motivadoras com constância. Afinal, ser professor de escola pública no

nosso país significa lidar com a falta de recursos e apoio escolar e acima de tudo com a desvalorização que nunca foi tão nítida como está sendo nos dias atuais. Além disso, os conteúdos de ciências são bastante abstratos e diversos para que o professor desenvolva atividades lúdicas com frequência. O livro didático não pode ser a única ferramenta utilizada no ensino de ciências. Museus, laboratórios abertos, exposições, feiras e clubes de ciências devem estar vinculadas ao processo de ensino aprendizagem, de forma planejada, sistemática e articulada.

Com base na observação e por meio de conversas formais e informais, percebeu-se o desinteresse dos alunos pelo conteúdo de ciências. O ensino de ciências é muito complexo, devido a nomenclatura, de forma que os conteúdos se apresentam de forma monótona e cansativa para os alunos, sendo assim necessário uma transposição didática de forma adequada, utilizando diferentes recursos e metodologias (NICOLA; PANIZ, 2016). Nesse quesito, muitos autores tem destacado a importância da alfabetização científica no que tange o ensino de disciplinas das exatas, de forma que tem sido considerada uma alternativa no ensino de conteúdos de ciências/biologia (MELO *et al*, 2012) Nesse sentido, hoje em dia tem sido tema de debate o uso de metodologias inovadoras no ensino de ciências/biologia afim de combater a desmotivação existente nos alunos. Lima e Colaboradores (2013) destacam o uso de atividades práticas no ensino de ciências/biologia como estratégia para que o aluno relacione o conteúdo ao seu cotidiano. Os jogos também tem sido utilizados como ferramenta para facilitar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos, sendo este um meio criativo, que prende a atenção do aluno e o estimula a pensar (ANTUNES; MORAIS, 2010)

Durante o período de estágio percebeu-se que quando são propostas atividades extracurriculares, os alunos demonstravam participação ativa. Sobre isso, Melo, Ávila e Santos (2017) destacam:

Para que o aluno tenha uma educação de qualidade e uma aprendizagem que o auxilie a adquirir valores em sua vida cotidiana, é preciso ter prazer, desejo de aprender e motivação. Essas atitudes podem ser estimuladas através de atividades lúdicas. O aluno quando está motivado, tem seu interesse, a sua criatividade e o seu desejo de aprender aflorados, auxiliando na sua capacidade de resolver situações cotidianas com mais facilidade. (MELO *et al*, 2017 p. 4)

Durante o período de regência, novos desafios surgiram, afinal, era o primeiro contato com a turma como professora de ciências. Além do

nervosismo, sentimento de medo e insegurança, pois a turma do 6º ano era uma turma indisciplinada. Infelizmente, a indisciplina tem sido uma problemática no ensino público, ao qual muitas vezes acarretam a outros problemas como a violência escolar. Diante de inúmeras tarefas e cobranças advindas da sociedade, ao professor ainda é designado o papel de educar os indisciplinados, quando na verdade os pais deveriam fazer o seu papel como educadores (REGO; CALDEIRA, 1998). Além da falta da participação da família no processo formativo do aluno, existe uma ausência de cultura disciplinar preventiva nas escolas, bem como falta de preparo por parte dos professores para lidar com esses distúrbios em sala de aula (GARCIA, 1999).

Os alunos sempre demonstravam inquietude em sala de aula, principalmente após o intervalo, os mesmos ficavam extremamente ansiosos para irem para casa. O ensino de ciências para o aluno significa apenas termos científicos e ciclos e não conseguem perceber a importância desse ensino para o seu dia a dia. Assim, destaca-se a importância da contextualização do ensino. Isso não significativa que para um ensino contextualizado é necessário a utilização de um laboratório equipado, por exemplo. O professor pode utilizar componentes do ambiente externo para estimular o aluno a desenvolver a aprendizagem significativa (SANTOS, 2014). Apesar dos inúmeros debates sobre a importância do ensino contextualizado, o que se observa hoje são currículos escolares totalmente distantes da realidade do aluno, com conteúdos formais sem objetivar a importância do aluno interligar o que aprende com o seu dia a dia (KATO, KAWASAKI, 2011).

Uma dificuldade em especial, foi o fato de ter um aluno com deficiência auditiva na sala de aula. Durante o período de observação, percebeu-se que o aluno surdo realizava as suas atividades transcrevendo a atividade do colega que ele sentava ao lado. O professor da disciplina não tinha conhecimento na área de libras. No curso de ciências biológicas existe a disciplina de LIBRAS, ofertada no 3º período. No entanto, a estagiária se viu confrontada: Como proceder nas aulas com uma turma extremamente agitada e incluir o aluno surdo nas aulas de ciências? Como tornar o conteúdo de ciências compreensível para o aluno surdo?

A Constituição Brasileira, a Lei de Diretrizes e Bases, dentre muitos outros instrumentos legais, asseguram o atendimento educacional especializado para alunos portadores de necessidades especiais. Mas, o que dizer a respeito da formação dos licenciandos em relação a educação inclusiva? Como já mencionado, no curso de Ciências Biológicas existe a disciplina de Libras, porém, esta é a única direcionada para o ensino inclusivo. Pedroso et

al (2013) aponta a necessidade de uma reformulação nos projetos políticos dos cursos de licenciaturas em todo o país. O fato de o aluno com necessidade especial estar dentro da sala de aula não quer dizer que ele está em um processo de inclusão. Assim, os autores defendem a inserção de disciplinas ou conteúdos com abordagem inclusiva nos cursos de graduação, ressaltando na pesquisa que os cursos de graduação em Ciências Biológicas e Química não tem direcionamentos significativos no que diz respeito a inclusão, destacando assim a importância da adequação do currículo.

Sobre as dificuldades encontradas na sala de aula, autores afirmam a necessidade da reconstrução do currículo escolar, associando a dificuldade que os professores enfrentam a ausência de conteúdos escolares articulado com as mudanças da sociedade, conteúdos que sejam direcionados tanto a alunos com deficiência como para os que não tenham deficiência. Nesse sentido, Rodrigues (2020) afirmam:

É imprescindível compreender que, no contexto atual, a escola não pode estar separada do mundo, mas deve pensar, propor ações e adotar novos métodos de ensino para auxiliar o aluno, a construir gosto pelas Ciências, a utilizar os saberes aprendidos em sala de aula para resolver problemas do cotidiano, a desenvolver novas habilidades e a construir novas competências, independente das suas condições físicas e intelectuais. (RODRIGUES, 2020 p. 2)

No início da regência, o aluno surdo não tinha nenhum auxiliar de sala. Assim, a estagiária procurava formas de tornar o conteúdo de ciências compreensível e acessível para o mesmo. Por exemplo, após algumas aulas sobre sistema solar, a licencianda desenvolveu uma atividade que tinha como objetivo atrair a atenção dos alunos e também induzir a participação do aluno com deficiência auditiva. Através da utilização do Datashow, foi realizada uma atividade intitulada “Que planeta é esse?”. Nessa atividade, eram mencionadas características peculiares dos planetas e os alunos eram induzidos a adivinhar qual era o planeta. Além das características, uma imagem do planeta era projetada. Com base no pouco conhecimento que a estagiária tinha, a aluna questionava ao aluno o nome do planeta, o aluno com deficiência auditiva, participava respondendo através da linguagem de sinais.

Figura 1 - Estagiárias realizando oficina sobre alimentação



No período da regência, a estagiária juntamente com outras estagiárias do curso realizaram uma oficina a respeito da alimentação, destacando a importância para os alunos. Em uma pequena discussão, os alunos compreenderam que por meio da alimentação saudável, adquire-se vitaminas necessárias para o nosso sistema imunológico.

Durante o fim da regência, foi realizada uma oficina pedagógica para todos os alunos da escola Dinarte Mariz. A oficina foi realizada com todos os alunos estagiários. A oficina baseou-se em uma peça teatral sobre a temática Dengue, e tinha como objetivo ressaltar a importância do combate ao Mosquito *Aedes Aegypti*, visto que na época, a temática estava em destaque na cidade, devido ao enorme número de casos na região e inclusive pelo fato de crianças da escola terem sido acometidas com a doença. Na ocasião, foi apresentada uma armadilha caseira para os alunos como alternativa ao combate ao mosquito da dengue. A utilização da peça teatral mostrou-se ser eficiente, pois percebeu-se o envolvimento e a atenção dos alunos, bem como também a popularização do conhecimento de ciências de forma lúdica (SILVEIRA; ATAÍDE; FREIRE, 2009). A utilização do teatro tem sido uma ótima ferramenta no processo de ensino- aprendizagem. Andrade e Souza (2018) também destacaram o uso do teatro para transmitir conteúdo da área das exatas de forma interdisciplinar e contextualizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do estágio é de fato enriquecedora. O estágio supervisionado proporciona uma infinidade de conhecimentos, pois além de vivenciar o papel do professor, o estágio contribui para assimilar conhecimentos

pedagógicos, curricular, administrativos, bem como entender como ocorre a organização na escola. O estágio de fato, dá a oportunidade para o aluno relacionar a teoria e prática, bem como compreender a construção do conhecimento no âmbito escolar. Além da formação do professor, essa experiência contribui para uma formação completa, em relação a desenvolver habilidades e valores, tão imprescindíveis para a formação do aluno. Ressaltando sobre a relevância do estágio, Santos *et al*, 2016 afirma:

Essa etapa lhe proporciona uma oportunidade para perceber se a sua escolha profissional, corresponde a sua aptidão técnica¹. Ademais, o estágio, revela a necessidade de articulação dos saberes teórico/práticos, bem como, possibilita o envolvimento do iniciante na docência nas diversas situações de ensino-aprendizagem e nos constantes desafios da prática pedagógica (SANTOS *et al*, 2016 p. 419)

Entretanto, é possível observar que ainda há muito o que avançar no que se diz respeito ao ensino. Enfatizo a importância de um estágio mais participativo e dinâmico, no que se diz respeito as atividades propostas pela universidade. É importante entender por exemplo, aspectos estrutura física da escola, no entanto, qual o resultado positivo da aplicação de questionários repetitivos para os gestores das escolas? Acredito também que é importante o papel das professoras responsáveis pela disciplina de Estágio, necessitando mais ainda a participação das mesmas na escola do estágio.

Destaca-se em especial, a necessidade urgente da reformulação da matriz curricular do curso de Ciências Biológicas, bem como das ciências exatas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. É importante a discussão de projetos com contextos inclusivos. O ingresso de alunos com necessidades especiais na escola pública, tem aumentado constantemente. Apesar de hoje em dia, existirem auxiliares de sala, o professor é o mediador entre o conhecimento e o aluno, e para isso, é necessária uma formação inclusiva para os graduandos na área das licenciaturas.

Reforçando mais ainda a convicção do meu objetivo de ser professora, o estágio me mostrou que ser docente é uma profissão gratificante, mesmo diante dos inúmeros desafios que existem. Ser professor significa enfrentar inúmeros desafios relacionados a estrutura da escola, lidar com a indisciplina escolar e muitas vezes com a falta de apoio escolar. De fato, é necessário muito esforço e dedicação para ser professor, mas refletir sobre a experiência do estágio supervisionado, reforçou mais ainda sobre a minha decisão de ser professora, e de que a Educação é capaz de transformar vidas.

Os relatos das experiências dos colegas graduandos, deixaram claro que cada escola tem suas dificuldades e particularidades. Cada aluno tem sua vivência, cada um traz consigo uma bagagem de experiências mediante o mundo que os rodeia e que estas devem ser utilizadas no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, enfatizo a importância de atividades que despertem a curiosidade e que instiguem o aluno a ser pensante e crítico ao mundo que os rodeia.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Adriana Maria; SABÓIA-MORAIS, Simone Maria Teixeira. O jogo educação e saúde: uma proposta de mediação pedagógica no ensino de ciências. **Experiências em Ensino de Ciências**, v. 5, n. 2, p. 52-68, 2010.

ANDRADE, G. C.; SOUZA, B. M. de; GONÇALVES, L. V.; NASCIMENTO JUNIOR, A. F. Metodologias Alternativas no Ensino de Ciências: Uso de teatro e mitologia no ensino de movimentos internos da Terra. **Periódico Eletrônico Fórum Ambiental da Alta Paulista**, [S.l.], v. 14, n. 5, 2018. DOI: 10.17271/1980082714520181959. Disponível em: https://publicacoes.amigosdanatureza.org.br/index.php/forum_ambiental/article/view/1959. Acesso em: 31 out. 2021.

BENITES, Larissa Cerignoni. Qual o papel do professor-colaborador no contexto do estágio curricular supervisionado na Educação Física. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 20, n. 4, p. 13-25, 2012.

BRASIL. **Lei nº 12.014, de 6 de agosto de 2009**. Altera o art. 61 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, com a finalidade de discriminar as categorias de trabalhadores que se devem considerar profissionais da educação. Brasília: Casa civil, [2009]. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l12014.htm. Acesso em 22 de novembro de 2019

_____. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

DELIZOICOV, Demétrio; ANGOTTI, José André; PERNAMBUCO, Marta Maria. **Ensino de Ciências: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2011. 368p.

DE SOUZA SANTOS, L. P. Estágio docência na formação do mestre em saúde coletiva: relato de experiência. **Revista Saúde.com**, [S. l.], v. 11, n. 4, p. 418-424, 2016. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/rsc/article/view/386>. Acesso em: 31 out. 2021.

FORTUNA, Volnei. A relação teoria e prática na educação de Paulo Freire. **Rev. Brasileira de Ensino Superior**, [s.l.], 1(2): 64-72, out-dez, 2015

GARCIA, Joe. Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n.95, p. 101-108 jan./abr. 1999.

KATO, Danilo Seithi; KAWASAKI, Clarice Sumi. As concepções de contextualização do ensino em documentos curriculares oficiais e de professores de ciências. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 17, p. 35-50, 2011.

LIMA, Jane Helen Gomes; DE SIQUEIRA, Ana Paula Pruner; COSTA, Samuel. A utilização de aulas práticas no ensino de ciências: um desafio para os professores. **Revista Técnico Científica do IFSC**, v. 1, n. 5, p. 486, 2013.

LUDKE, Menga. Universidade, escola de educação básica e o problema do estágio na formação de professores. **Revista Formação Docente**. Belo Horizonte, v. 01, n. 01, p. 95-108, ago./dez. 2009.

MACIEL, A. de O.; LIMA, A. I. B.; PONTES JUNIOR, J. A. de F. Estágio Supervisionado e Residência Pedagógica: possibilidades para formação docente crítica. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 15, n. esp3, p. 2223-2239, 2020. DOI: 10.21723/riaee.v15iesp3.14428. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/14428>. Acesso em: 31 out. 2021.

MARTINY, Luis; SOUZA, Irani; SILVA, Pierre Gomes da. “Como saber se meu mundo de ideias daria certo na prática?” o medo da docência no estagio supervisionado de Educação Física. **Revista Motrivivência**, [s.l.], nº 40, P. 51-66 Jun./2013

MEDEIROS, Marinalva Veras; CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira. Formação docente: da teoria a prática, em uma abordagem sócio-histórica. **Revista E-Curriculum**, [s.l.], vol. 1, n. 2, junho de 2006.

MELO, Edilaine Andrade et al. A aprendizagem de botânica no ensino fundamental: Dificuldades e desafios. **Scientia Plena**, v. 8, n. 10, 2012.

MELO, Ana Carolina Ataiades; ÁVILA, Thiago Medeiros; SANTOS, Daniel Medina Corrêa. Utilização de jogos didáticos no ensino de ciências: um relato de caso. **Ciência Atual–Revista Científica Multidisciplinar do Centro Universitário São José**, v. 9, n. 1, 2017.

MESQUITA, Alzair de Sousa; ARAÚJO, Waldirene Pereira. A prática de observação e a importância na formação de professores de ciências biológicas: relato de experiência. *In*: V Congresso Nacional de Educação. **Revista Pernambuco: Realize**, 2018. Disponível: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV117_MD4_SA1_ID284_18082018172206.pdf. Acesso em 21 de novembro de 2019

NICOLA, Jéssica Anese; PANIZ, Catiane Mazocco. A importância da utilização de diferentes recursos didáticos no ensino de biologia. **Inovação e Formação - Revista do Núcleo de Educação a Distância da UNESP**, São Paulo, v. 2, n. 1, p.355-381, 2016.

NUNES, F. G. PRÁTICA DE ENSINO E ESTÁGIO SUPERVISIONADO: PELA SUPERAÇÃO DA DICOTOMIA TEORIA E PRÁTICA. **Boletim de Geografia**, v. 24, n. 1, p. 87-94, 20 dez. 2010.

PEDROSO, Cristina Cinto Araujo; CAMPOS, Juliane Aparecida de Paula Perez; DUARTE, Márcia. Formação de professores e educação inclusiva: análise das matrizes curriculares dos cursos de licenciatura. **Educação Unisinos**, São Leopoldo, vol. 17, núm. 1, enero-abril, 2013, pp. 40-47

PIMENTA, Selma Garrido Pimenta; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e Docência: diferentes concepções. **Revista Poiesis**, [s. l.]2005/2006, vol. 3, núm. 3 e 4, p. 5-24, 25 out. 2006.

REGO, Isabel Estrela; CALDEIRA, Suzana Nunes. Perspectivas dos professores sobre a indisciplina na sala de aula. **Revista Portuguesa de Educação**. [s.l.] 1998, 11 (2), 83-107, 1998.

RODRIGUES, Paloma Alinne Alves. Um desafio para a Base Nacional Comum Curricular: o diálogo entre a alfabetização científica e tecnológica e a inclusão escolar. **Horizontes-Revista de Educação**, v. 8, n. 15, p. 150-160, 2020.

ROSA, Jeâni Kelle Landre; WEIGERT, Célia; SOUZA, Ana Cristina Gonçalves de Abreu. Formação docente: reflexões sobre o estágio curricular. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 18, p. 675-688, 2012.

SANTOS, Iris Moreira, **Recursos didáticos nas aulas de ciências nas series finais do ensino fundamental**. 2014.. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Naturais) Universidade de Brasília. Faculdade de Planaltina, Brasília, 2014.

SILVA, Rejane Maria Ghisolfi da; SCHNETZLER, Roseli Pacheco. Estágio Curriculares supervisionados de ensino: partilhando experiências formativas. **Revista EntreVer**, Florianópolis, v. 01, n.01, p. 116-136, 2011.

SCALABRIN, Izabel Cristina; MOLINARI, Adriana Maria Corder. A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas. **Revista Unar**, v. 7, n. 1, p. 1-12, 2013.

SILVEIRA, Alessandro Frederico da; Pereira de Ataíde, Ana Raquel; Farias Freire, Morgana Lígia de. Atividades lúdicas no ensino de ciências: uma adaptação metodológica através do teatro para comunicar a ciência a todos. **Educar em Revista**, Paraná, n. 34, 2009, pp. 251-262

ULIANA, Edna Regina. **Estágio Supervisionado: uma oportunidade de reflexão nas práticas na formação inicial de professores de ciências**. In: IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE e III Encontro Sul-brasileiro de psicopedagogia, 2009. Paraná, 2014. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/3377_1677.pdf. Acesso em 20 de novembro de 2019.